

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 24 • 2018

VOLUME COMEMORATIVO DO XXX ANIVERSÁRIO
DO CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS
1988-2018



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2018

**MANUEL AFONSO DO PAÇO (1895-1968), UM ARQUEÓLOGO
NO CAMPO DA BATALHA DE LA LYS (9 DE ABRIL DE 1918)¹**

***MANUEL AFONSO DO PAÇO (1895-1968), AN ARCHAEOLOGIST
IN THE FIELD OF THE BATTLE OF LA LYS (9 OF APRIL OF 1918)***

João Luís Cardoso*

Abstract

A brief summary of the events personally experienced by Afonso do Paço was presented during his mobilization in France during the First World War. Written by himself on the form of letters, they were later published in a book almost unknown and that the recent commemorations of the battle of La Lys, of which it presents terrible report, like few, completely ignored. These reports were complemented by other elements extracted from several works by the author. The present contribution is thus a tribute paid to him, in the fifty years of his passing and in the hundred years of the end of the bloody conflict in which he had a valiant participation, which earned him public recognition.

Keywords: Afonso do Paço, First World War, La Lys.

Nasceu o Tenente-coronel Manuel Afonso do Paço a 30 de Novembro de 1895 no lugar de Além do Rio, freguesia de Outeiro, concelho de Viana do Castelo, vindo a falecer em Lisboa, a 29 de Outubro de 1968, depois de uma vida cheia, dedicada à carreira militar e à sua maior paixão, a Arqueologia, na qual se destacou como um dos maiores arqueólogos do seu tempo (Fig. 1).

Tal conclusão encontra-se evidenciada pela leitura do respectivo elogio histórico, feito por um dos seus mais dilectos colegas e amigos (FERREIRA, 1970).

Sobre a sua participação militar na Grande Guerra, respiga-se do seu Processo Individual, conservado no Arquivo Histórico Militar diversas informações: a incorporação de Afonso do Paço no Exército remonta a 15 de Maio de 1916, assentando praça no Regimento de Infantaria n.º 3, então sediado em Extremoz. Com o Curso completo dos Liceus, matriculou-se em 1915 na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo frequentado o 4.º ano do curso de Filologia Românica em 1919. Em 1917 frequentou a Escola de Sargentos e, nesse mesmo ano, a Escola Prática de Oficiais Milicianos. Em 1921 matriculou-se no Curso de Administração Militar da então Escola de Guerra, que concluiu em 1923.

* Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt. Coordenador da linha de investigação History of Archaeological Science (ICArEHB).

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada em Novembro de 2017 ao 3.º Colóquio sobre a Grande Guerra (1914-1918), organizado pela Academia das Ciências de Lisboa, por convite do seu Presidente, Prof. Doutor Artur Anselmo.

Foi promovido a Alferes Miliciano a 9 de Fevereiro de 1918, e foi nessa qualidade que recebeu dois louvores pela sua actuação no *front*:

- o primeiro, “[...] *porque como subalterno da 1.ª bateria do 4.º Grupo de Metralhadoras do CEP em França, contribuiu com a sua boa vontade, muito zelo e inteligência para a perfeita execução das ordens recebidas, tornando-se notável a sua acção humanitária para com as praças que se achavam doentes nas trincheiras e percorrendo, por mais duma vez as posições das metralhadoras da sua secção para se certificar se eram cumpridas precisamente as determinações feitas no sentido de serem batidas determinadas posições inimigas.*”;

- o segundo, “[...] *pela coragem e decisão que manifestou em diversas circunstâncias, e designadamente no dia 9 de Abril de 1918, como comandante de uma secção de metralhadoras, cujas secções se aguentaram brilhantemente nos seus postos de combate, rendendo-se só depois de esgotados todos os recursos de defesa e perante a grande superioridade do inimigo que os envolveu.*” (AHM, Processo Individual de Manuel Afonso do Paço, cx. 3180).



Fig. 1 – Afonso do Paço (1895-1968) ostentando, entre outras condecorações, a Cruz de Guerra ganha em La Lys, a 9 de Abril de 1918. Arquivo JLC/OVF.

Feito prisioneiro pelos Alemães, no dia 9 de Abril de 1918, foi libertado a 28 de Dezembro daquele ano tendo regressado a Portugal a 16 de Janeiro de 1919

Foi condecorado com a Medalha de Prata comemorativa da expedição a França em 1918, e com a Medalha da Vitória, em 1919.

A Cruz de Guerra de 2.ª Classe foi-lhe conferida em 1926, sucedendo-se a Medalha de Prata da Classe de Comportamento Exemplar, em 1927, e, em 1929, a Medalha Militar de Prata com Palma da classe Bons Serviços.

Mais tarde, e ainda como reflexo da sua relevante participação na Grande Guerra e dentro da carreira militar que ulteriormente abraçou (Tenente miliciano a 31 de Agosto de 1922, Alferes do QP a 24 de Novembro de 1923, Tenente a 22 de Dezembro de 1923, Capitão a 28 de Dezembro de 1940, Major a 29 de Junho de 1949 e Tenente-coronel a 13 de Março de 1953), foi Afonso do Paço autorizado a usar as insígnias da Cruz de Guerra de 1.ª Classe “[...] *por ter feito parte do 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas (GMP) que cooperou com a «Brigada do Minho» em 9 de Abril de 1918.*”.

Por via da Cruz de Guerra de 1.ª Classe concedida àquela Brigada (a 31.03.1926), com a qual o 4.º GMP colaborou, e ainda em resultado da Cruz de Guerra de 1.ª Classe concedida ao 4.º GMP (a 20.04.1926), tinha Afonso do Paço direito a usar duas *Fourragères* da Cruz de Guerra. Em diversas ocasiões da sua carreira militar foi merecedor de louvores pela forma como desempenhou as suas missões. Em 1953 foi condecorado com a Medalha de Mérito Militar de 2.ª Classe e, em 1954, com a Medalha Militar de Ouro da Classe de Comportamento Exemplar.

A 1.03.1961, já fora do serviço activo, pois passou à situação de Reserva a 30.11.1955, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem Militar de Aviz.

Na Academia Portuguesa da História, ascendeu a Académico de Número em 1955, tendo sido autorizado a usar as insígnias da Academia no uniforme, como então era de uso, de acordo com o Decreto n.º 34 459, de 19 de Março de 1945; ali teve a honra de lhe suceder na cadeira n.º 9.

A sua exemplar carreira militar, poderá, porém, ter sido ofuscada no brilho que evidenciou nos primeiros anos por opção própria, remetendo-se voluntariamente ao exercício de funções com pouca visibilidade e projecção, no Serviço de Administração Militar, mas que, por certo, lhe permitiram dispor do tempo necessário para se dedicar, com total entrega, à Arqueologia, onde realizou obra notável que lhe granjeou reconhecimento internacional.

A sua actividade no domínio da Arqueologia iniciou-se apenas em 1929, quando Afonso do Paço já era detentor de um assinalável currículo no domínio da Etnografia e da Filologia, sendo algumas daquelas obras resultantes da sua participação directa na Grande Guerra.

Um dos contributos mais interessantes neste âmbito, corresponde ao estudo dedicado ao 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas do C.E.P.: 5.º Grupo de Metralhadoras, a que pertenceu (Fig. 2), iniciado na década de 1920, mas publicado apenas em 1955. Ali se identifica tão-somente como “Da Academia Portuguesa da História”, reforçando assim o cunho estritamente histórico conferido ao trabalho (PAÇO, 1955).

Este encontra-se dividido em duas partes: na primeira, caracteriza o grupo como unidade de combate, historiando os acontecimentos ocorridos desde Coimbra – designado por 5.º Grupo de Metralhadoras, até à instalação no sector de Fauquissart, com a designação de 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas – as acções em que tomou parte, com destaque para a situação antes, durante e depois da batalha do 9 de Abril, seguindo-se um capítulo sobre os mortos, feridos e prisioneiros e um último sobre condecorações e louvores.

Na segunda parte caracteriza-se o Pessoal que integrou o Grupo.

Esta obra encontrava-se em preparação em 1929 (ver indicação no cólofon de PAÇO, 1929 b), mas só viria a ser publicada em 1955. Compreende-se a dificuldade da sua redacção, em virtude da destruição dos arquivos do 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas (GMP) na madrugada do dia 9 de Abril de 1918, bem como a quase totalidade dos documentos que ao mesmo grupo se referiam, dificuldades que salientam o valor e a oportunidade da obra, no seguimento de outras de maior tomo anteriormente publicadas por outros participantes no sangrento conflito, como a do General Gomes da Costa e a do Coronel Mardel Ferreira.

A vida castrense, especialmente em França, permitiu-lhe a recolha de muitas expressões ou termos que ouvia amiúde, que se inseriam na gíria militar. Sob esta temática, publicou, como Tenente, as *Gírias Militares Portuguesas* (PAÇO, 1926) (Fig. 3), opúsculo constituído por três partes distintas: 1) Gíria da Malta; 2) Gíria da Caserna; 3) Gíria do Colégio Militar (onde exerceu funções como Professor provisório em 1925).

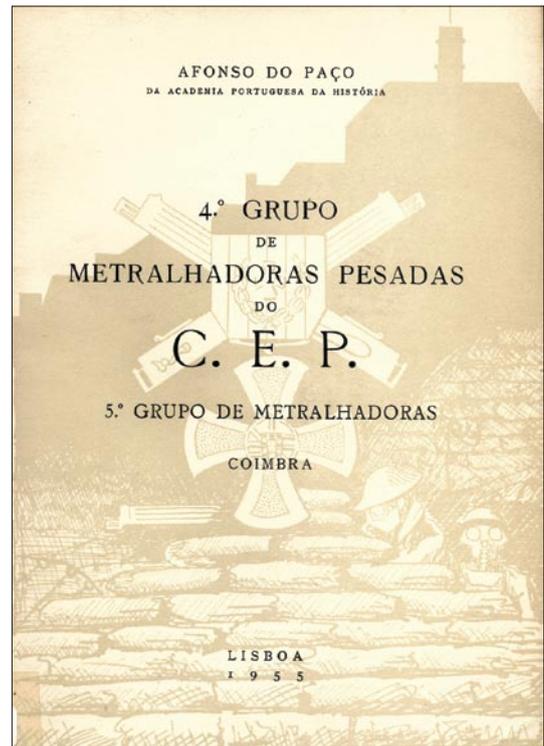


Fig. 2 – Capa da obra onde Afonso do Paço historiou a vida do 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas, anteriormente designado 5.º Grupo de Metralhadoras, formado em Coimbra. Arquivo JLC.

Este opúsculo compila a totalidade dos termos que o próprio autor ouviu directamente no terreno das operações, a que acresceram outros, em resultado das informações obtidas de outros companheiros de armas; a origem deste trabalho deve-se a J. Leite de Vasconcelos, de quem fora aluno em 1919 na Faculdade de Letras de Lisboa, para dar resposta a um seu colega francês que estava procedendo a idêntico levantamento em França. A carta-prefácio de Leite de Vasconcelos, escrita na sua casa de Campolide a 19 de Fevereiro de 1926 constitui documento cheio de interesse e que até agora passou despercebido (BRANDÃO, 1959), por ela se percebendo claramente o apreço que o Mestre dispensava ao discípulo.

Rapidamente esgotado, deu origem a uma segunda edição em 1932. Entretanto, tinha publicado a “Gíria da Escola Militar” (PAÇO, 1929 a) e, na *Revista Lusitana*, a continuação daquele levantamento, declarando a tal propósito (PAÇO, 1931, p. 159): “A *etnografia militar é um filão ainda pouco explorado, direi melhor, quasi nada explorado, dos etnógrafos portugueses que, tendo estudado em todos os seus ramos a etnografia civil, deixaram de lado a tropa, certamente por nenhum deles envergar farda, nos tempos que vão correndo. [...]*”, realidade que, contudo, persistiu. A sua condição militar favoreceu ainda a redacção de contributos, como “A vida militar no rifoneiro português” (PAÇO, 1935) e “A vida militar no cancionero popular português”, interessantíssima compilação que só viria a ser publicada muito mais tarde pelo Museu de Etnografia e História do Porto (PAÇO, s.d.).

No entanto, bastava a obra *Cartas às Madrinhas de Guerra*, publicada em 1929 (PAÇO, 1929 b), como Tenente (na qual já então explicitava, na folha de rosto a sua condição de sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses), para o situar entre um dos autores mais importantes que escreveram, na 1.^a pessoa, as experiências vividas nos campos de batalha do norte de França (Fig. 4). Esta obra mereceu uma reedição fac-similada em 1993, embora prejudicada por se ter aproveitado, estranhamente, a foto de outro oficial para ilustrar a capa (Fig. 5), o que reforça o estatuto menor que até ao presente lhe foi conferido.

Justifica-se a leitura de alguns dos trechos mais expressivos daquelas cartas, poi o cunho picaresco de algumas das cenas descritas e, nalguns casos, a sua inquestionável beleza literária, só podia preservar-se respeitando-se a forma original:

Aquando do desembarque em Brest (em campanha, 30.09.1917): “*Há pouco apresentamo-nos no Comando Português, onde um capitão de cavalaria, tomando proa napoleónica, os dedos entre os botões do jaleco, começou um discurso de incitação à guerra por estas palavras: – «Nós, em campanha»... [...]. Êste cavalleiro, que nem está na zona de guerra, teve o descaramento de se nos dirigir, a nós que imos [sic] para o front, com as palavras de sucesso: – «Nós, em campanha»...*”

Alguém do lado: – «Comecemos a guerra aqui, acabando já com este gajo!».”

O 4.º GMP foi instalado em Clety, na Escola de Metralhadoras Pesadas, onde os combatentes se instruíram no manuseio das armas que viriam depois a utilizar nos combates, como a metralhadora pesada “Vickers”, de

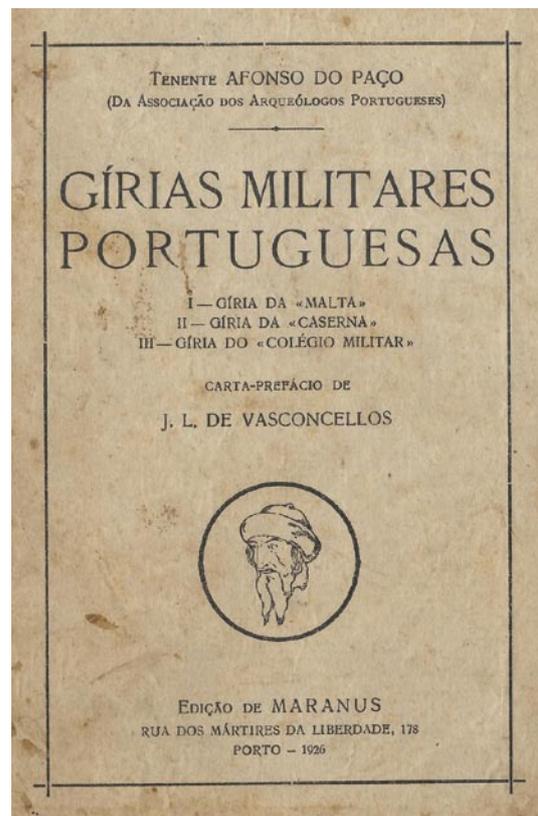


Fig. 3 – Capa da brochura publicada em 1926, com carta-prefácio de J. Leite de Vasconcelos, onde inventariou, entre outras, as gírias dos combatentes das trincheiras. Arquivo JLC.

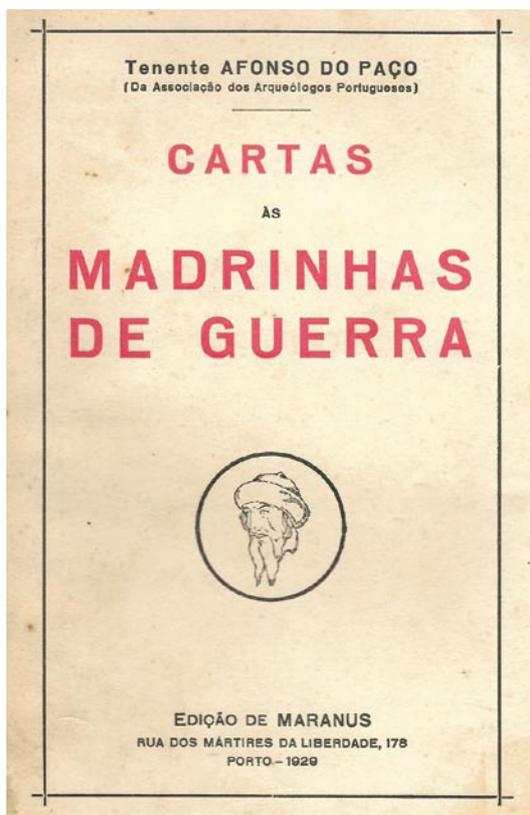


Fig. 4 – Folha de rosto da obra publicada em 1929, onde descreve muitos dos acontecimentos por si vividos no decurso da sua incorporação no Corpo Expedicionário Português em França, em 1917 e 1918. Arquivo JLC.

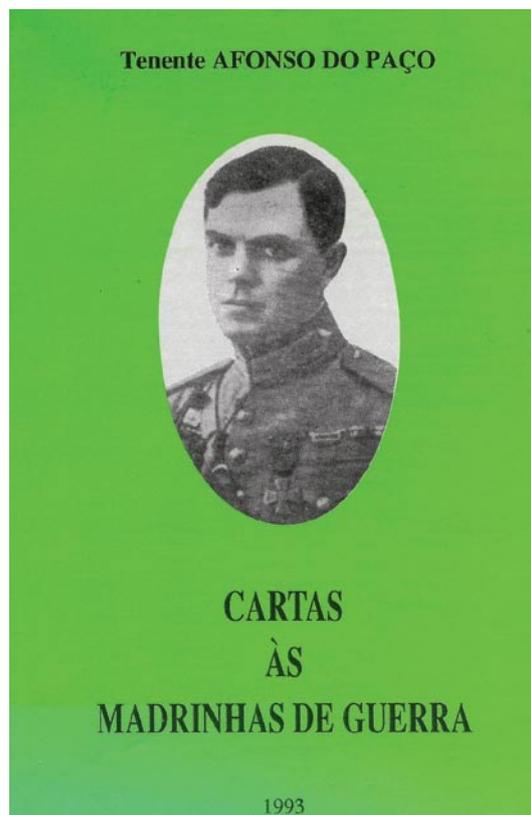


Fig. 5 – Folha de rosto da reedição fac-similada de 1993, realizada em Viana do Castelo, da obra publicada em 1929, mas ilustrada com um retrato que não é o do seu autor. Por deferência do Prof. Doutor Artur Anselmo.

fabrico britânico (Fig. 6); daquela localidade escreveu diversas cartas, contendo pormenores reveladores da vida quotidiana das tropas:

Em PS a carta escrita a 7.09.1917: “[...] *junto de nós existem tropas britânicas: escoceses de saia pelo joelho, casaquinho cintado [...], barrete brejeiro ao lado.*

Os meus soldados alentejanos, nunca viram homens de saias...e vá de fazer-lhes confusões, aparecer um desses sujeitos de espingarda na mão a fazer quartos de sentinela.

Um deles, mais atrevido [...], aproxima-se pé ante pé [...] e como o inglês [sic] não se mexe nem dá pela sua presença, tenta a última prova, a irrefutável: levanta levemente a saia e espreita...para se convencer.

O escocês, dando pelo atrevimento [...] agarrando no cano da espingarda à laia de cacete, corre sobre o meu soldado que se esgueira lépido para junto dos companheiros [...] e a quem conta, com grande gáudio de todos, o resultado do seu exame; [...].”

Em campanha, 8.11.1917: “*Há semanas passou aqui, em Clety [...] dia e noite a caminho do front, uma bicha interminável de camions, uns atrás dos outros, conduzindo tropas para a grande batalha do Ypres, 3.ª ou 4.ª do nome que os ingleses travaram sem grande resultado.*

Ontem, quando desciam da trincha, vinham a pé, extenuados, arruinados dos gases o motor do seu cadáver. Atiravam-se para a valeta da estrada, os olhos semi-cerrados, as goela sêcas do gás, as pernas emperradas de cansaço, as faces macilentas da brutalidade do esforço exigido.

Acerquei-me do primeiro grupo que encontrei ao lado da estrada junto da nossa Mess. Não eram soldados o que vi, mas farrapos humanos que perderam todo o aprumo dos filhos de Albion.

Inquiri do que necessitavam, se estavam feridos, e os seus olhos azuis mortiços, rebolaram nas órbitas, a boca entreabriu-se num esforço [...]

Não estavam feridos no corpo mas na alma.

Preguntei-lhes o que era feito de milhares de companheiros que dias antes seguiram a caminho das linhas.

Disseram que lá tinham ficado, vítimas da metralha e de formidáveis ataques de gases”

Concluído o Curso de Metralhadoras Pesadas, o 4.º GMP foi tirocinar para o front, junto do 1.º Grupo de Metralhadoras, onde chegou a 16 de Novembro de 1917 (PAÇO, 1929, p. 35). Dali escreveu carta, a 30.11.1917, extremamente impressiva, de que se reproduz o seguinte trecho:

“Os very-lights, como foguetório, subiam vagarosamente ao ar numa longa extensão do front, uns atrás dos outros em catadupas, dos nossos e dos alemães, brancos, vermelhos e verdes, a aluminar a trincheira, a pôr notas alegres na vermelhidão do canhoneio feroz de todos os calibres.

São lindos os very-lights, na escuridão da noite! Parecem anjos bons descendo vagarosamente sobre a trincha, afim de levar para o céu as almas belas que morreram na luta! [...]

Parecem brandões acesos a alumiar, no negro catafalco da terra de ninguém e primeiras linhas, os cadáveres mutilados pela metralha!

Sobre as linhas caía um dilúvio de ferro [...].

Depois veio o gás. [...]. Cada um enfia no focinho a máscara que traz ao peito e o arraial toma o aspecto de baile de máscaras ao som de batuque formidável [...].

E este fandelírio continua envolto nas dobras da noite até ao romper do dia. [...].

Trincheira arriba, aos ombros dos maqueiros, sobem depois os feridos a caminho dos postos de socorros, contorcendo-se de dores e soltando gemidos lancinantes.

À tarde com o acompanhamento da gente de Laventie, foram os mortos a enterrar envoltos na bandeira de Portugal, ... a esconder para sempre nas entranhas da terra, como se fosse feio mostrar ao mundo homens que morreram no campo da honra!”

O 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas foi destinado ao sector de Fauquissart onde ficou estacionado desde 8.12.1917 a 8.04.1918. Ficou subordinado à 3.ª Brigada de Infantaria, em frente da povoação de Laventie, na extrema esquerda da Divisão portuguesa, confinando com tropas britânicas.

Giria da Malta (em campanha, 20.12.1917): *“Como esta Terra de Ninguém é a coisa pior que há por aqui, também se denomina Avenida Afonso Costa, tal é a simpatia por aquele estadista.*

Cachapim é todo aquele que não combate com armas na mão, que está à rearguarda. Há-os de diversos calibres, ligeiros, dos Batalhões, médios, das Brigadas, pesados, das Divisões.

Os das Bases chamam-se básicos e é tal a sua ignorância de coisas da guerra, que já houve quem pedisse a um conhecido que ia para a trincha, que lhe trouxesse de lá uma granada ou um morteiro pesado para levar para a família como recordação [...].



Fig. 6 – Metralhadora pesada “Vickers”, de fabrico britânico, arma utilizada pelo 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas a que Afonso do Paço se encontrava adstrito. Museu Militar de Lisboa. Foto de JLC.

A metralhadora pesada é a costureira, a muchingona (do inglês machin-gun) ou a cantadeira e a ligeira Luísa, do seu nome inglês Lewis-Gun.

Em carta escrita a 28.12.1917, aludiu ao único processo do fuzilamento por traição de um soldado do CEP, a 14 de Setembro de 1917, o qual, por desventura, tinha por missão abastecer de granadas as posições de artilharia devidamente assinaladas numa carta que conservava, para se orientar, a qual teria sido comunicada ao inimigo por intermédio de uma francesa “*que se intrometeu na sua vida*” (PAÇO, 1929, p. 33). Os Portugueses não queriam tal desfecho, o qual, conforme refere, teria sido imposto pelos Ingleses.

Em campanha (30.01.1918): “*Laventie (a dois km da 1.º linha alemã) – O alemão poupa-nos Laventie, porque também quere que lhe poupemos Aubers, vila fronteiriça da nossa, onde êle também se diverte.*

A nossa vida em Laventie é uma apologia da alegria e do champagne, alegria que sendo tão grande corta cerce todas as tristezas. A guerra não pode ser feita por gente tristonha. [...] Laventie é o reservatório possante de energias que se desperdiçam lá em baixo na trincha durante uma semana e é por isso que quando estamos prestes a sucumbir nos rendem, nos mandam substituir, para tomar um banho de champagne [...].”

O cavalheirismo existente entre os combatentes dos dois lados foi sublinhado muito mais tarde pelo autor: “*Em noite de rendição do inimigo, o comandante do batalhão de infantaria de quem dependíamos, pedia para se não fazer tiro. Esta gentileza dos portugueses era retribuída pelo adversário quando se dava mudança nas nossas tropas.*

De facto, era muito aborrecido, em noite de rendição, vir um homem carregado de mantas, metralhadoras, morteiros, espingardas, etc., e ter de estatelar-se na lama da trincheira com aquela tralha toda em cima do lombo, só porque um impertinente metralhador se lembrava de bater o caminho por onde o pobre infante tinha de passar” (PAÇO, 1955, p. 25). Contudo, esta não era uma regra que não tivesse excepção, descrevendo situação caricata na carta de 20.01.1918 (PAÇO, 1929, p. 41) e, mais tarde, em 1955 (PAÇO, 1955, p. 39):

“Durante certo tempo, respeitou o alemão a hora da distribuição do rancho da tarde, não fazendo fogo de metralhadoras ou artilharia sobre as nossas trincheiras, gentileza que era retribuída por igual da nossa parte.

Em meados de Janeiro porém [...] este contrato deixou de ser observado e um dia entornou-se um dos nossos caldeiros do rancho.

Praguejavam violentamente os cozinheiros e fachinas [...] contra a falta de atenção germânica e quase nos lançaram em rosto a culpa do que se passava, por não respondermos [...] ao adversário.”

Mas esta situação tinha antecedente de sinal contrário, pois na véspera de Natal, quando as armas se calariam de ambos os lados, “[...] não o quiseram assim os nossos chefes que ordenaram à artilharia na noite de 24/25 uma avalanche de cartões de boas festas ao inimigo. [...] Enquanto que os ingleses se banquetevam sossegados com o tradicional perú, de que vimos montanhas nas suas cantinas de Bethune [...] o alemão recebia pacientemente os nossos cumprimentos sem ripostar sequer com um tiritado de metralhadora ou espingarda, os nossos artilheiros eram o único elemento de guerra a cortar a paz daquela noite santa.” (PAÇO, 1955, p. 32).

Em campanha (26.02.1918): “*De tanto matar, a morte já não é para nós um horror [...]. Nós já não somos as almas boas que criou o sol de Portugal. Somos uns miseráveis assassinos encurralados nas trincheiras.*

Nós já não somos nós, somos farrapos de nós mesmos que andam de escantilhão pela trincha, vivendo num mundo que não é este mundo [...].”

Em campanha (28.9.1918): “*Se soubesse a luta diabólica que se travou em mim há dias, entre o dever e o espírito de conservação deste corpinho que pela sua mão direita lhe escreve esta carta!?”*

O relato do que se passou na acção de que mais se orgulhava no CEP, é por si descrita, modestamente, muitos anos depois (PAÇO, 1955, p. 38): “*Em meados de Março, quando de violentos bombardeamentos às posições de metralhadoras da secção A do subsector I, o alferes Paço, não dispendo de ninguém que enviasse*

como agente de ligação àquele local, partiu para lá com a sua ordenança. No caminho, ao passar por uma das metralhadoras de T.I. que lutava com falta de pessoal para o carregamento de fitas, a fim de bem responder ao S.O.S. que era pedido pela nossa infantaria das primeiras linhas, deixou aí a ordenança e seguiu sozinho, atravessando a barragem, para as posições alvejadas, cujas guarnições animou com a sua presença e ajudou nas dificuldades em que se encontravam”.

Na noite de 8 para 9 de Abril, o 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas tinha ao seu serviço 8 oficiais, e 208 praças (sargentos, cabos e soldados). Tratava-se sem dúvida de uma unidade de elite do CEP, no dizer do futuro General Sérgio de Castro, comandante de uma das duas baterias que constituíam o Grupo (PAÇO, 1955, p. 48, nota 1).

As perdas na manhã do dia 9 de Abril ascenderam a 4 oficiais (2 capitães e 2 tenentes) e 6 praças, tendo sido feitos prisioneiros pelos alemães 3 oficiais e 91 praças, totalizando assim, entre mortos e capturados 104 dos 208 homens existentes na véspera, ou seja 50% dos efectivos do Grupo.

De notar a elevadíssima percentagem de oficiais mortos e capturados (7 em 8), comparativamente aos praças, o que bem evidencia o envolvimento daqueles nas operações desenroladas em confronto directo com o inimigo. Apesar disso, foram raríssimos os louvores entre Dezembro de 1917 e Abril de 1918 e só em parte e tardiamente alguma justiça terá sido feita, devido à pouca apetência em tal matéria dos comandantes das duas baterias do Grupo, o Capitão, depois General, Sérgio de Castro, e o Capitão António Montez, que pereceu em combate na ofensiva de 9 de Abril (PAÇO, 1955, p. 83).

A ofensiva alemã da madrugada de 9 de Abril, que, como é sabido, incidiu especialmente sobre o sector de Fauquissart, onde se encontrava Afonso do Paço, foi descrita numa carta deste, já do cativo, no campo de prisioneiros de Rastatt, a 18 de Abril de 1918: *“Apenas os ruídos surdos e longínquos dos transportes alemães, anunciavam a tempestade que se havia de desencadear tremenda, daí a poucas horas sobre as nossas cabeças.*

Começou o maior inferno que jamais caiu sobre tropas de Portugal! A princípio julguei-o uma retaliação aos nossos bombardeamentos dos últimos dias, mas a chuva de metralha continuava sempre formidável, as granadas rebentavam por todos os lados, e o que nos valia era que uma grande percentagem não explodia. O meu pobre abrigo, a minha «Vila Grilo» que dias antes mudara o nome para «Vila Nun’Álvares», também foi escaqueirada, ficando sepultadas nas suas ruínas as minhas recordações, a correspondência das madrinhas, os seus retratos, as minhas economias para uma licença de longas viajatas. [...].

Uma ofensiva destas nunca é uma vitória no sentido verdadeiro da palavra, nunca é uma luta em campo igual que traga glória ao que avança. É ponto assente que ganha os primeiros palmos de terreno quem toma a ofensiva. Os últimos é que são mais difíceis, quasi sempre problemáticos. E em 9 de Abril os alemães ao lamberem as barbas ensopadas em sangue português, com certeza se não sentiram reis da criação nem a comezaina certamente os satisfez, porque uma ofensiva destas que custa rios de dinheiro, não é compensada com tão pequeno avanço.”

Duas das 4 posições comandadas por Afonso do Paço utilizadas em T.I., abriram fogo logo no início do bombardeamento batendo todos os entricheiramentos ao seu alcance, respondendo assim a um presumível SOS da primeira linha de que o espesso nevoeiro não deixava ver os sinais. A intensidade do fogo fora tal, que houve necessidade de substituir os canos e de vez em quando parar para mudar a água do refrigerador. Atacado com gases o recinto arborizado onde as metralhadoras estavam postadas, tiveram que ser executados com máscaras muitos serviços de remuniciamento e carregamento de fitas, tendo Afonso do Paço sido então capturado por um numeroso grupo germânico pela retaguarda (PAÇO, 1955, p. 55 e 56).

A acção do 4.º GMP na progressão da ofensiva alemã não deixou de ser registada pelo General Ludendorff, nos seus *Souvenirs de Guerre*: *“A marcha da nossa infantaria foi demorada em virtude dos ninhos de metralhadoras inimigas disseminados num terreno semeado de arbustos.”*

Verdade seja dita que houve nalguns casos genuína admiração por parte dos alemães, pela forma como muitos dos soldados do 4.º GMP se bateram. Foi o caso de Manuel da Silva, natural da Freguesia de Santa Eulália de Rio Covo, do concelho de Barcelos, soldado apontador da 1.ª bateria, que morreu agarrado à sua metralhadora, apenas preocupado em dificultar “[...] a marcha dos germânicos e vingara morto de seu oficial e sargento.” (PAÇO, 1955, p. 61).

A tosca cruz de madeira colocada na sua campa e hoje exposta no Museu Militar de Lisboa (Fig. 7) com inscrição a negro piedosamente pintada por ignoto combatente germânico, diz simplesmente:

HIER LIEGT EIN TAPFERER PORTUGIESE | *Aqui jaz um valente português*



Fig. 7 – Tosca cruz de madeira aparentemente reaproveitando tábuas de caixotes, colocada na campa do soldado da 1.ª bateria do 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas Manuel da Silva, morto na ofensiva alemã de 9 de Abril de 1918, com a inscrição, pintada a tinta negra: HIER LIEGT EIN TAPFERER PORTUGIESE (aqui jaz um valente português). Museu Militar de Lisboa. Foto de JLC.

E não era preciso, de facto, dizer mais nada. Estava tudo dito na nobreza daquelas singelas palavras. Esta cruz constitui um dos documentos mais preciosos e impressionantes da carnificina, sublinhando, na sua humildade, a tragédia então vivida. Bem merecia ser conhecida de todos os Portugueses.

AGRADECIMENTOS

À Dr.^a Maria da Conceição André, do CEACO/CMO que providenciou a recolha de elementos do Processo Individual de Afonso do Paço conservado no Arquivo Histórico Militar.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, D. de Pinho (1959) – José Leite de Vasconcelos. Traços da sua vida apontamentos da sua obra. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. 21 (3/4). Separata de 85 p.
- FERREIRA, O. V. (1970) – Tenente-coronel Manuel Afonso do Paço. Arqueólogo e etnógrafo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p. 9-35.
- PAÇO, A. (1926) – *Gírias militares portuguesas*. Porto: Marânus. 2.^a edição (1932), Porto: Imprensa Portuguesa.
- PAÇO, A. (1929 a) – Gíria da Escola Militar. *A Língua Portuguesa*. Lisboa. 1 (4). Separata de 12 p.
- PAÇO, A. (1929 b) – *Cartas às madrinhas de guerra*. Porto: Marânus. Com reedição fac-similada (1993), Viana do Castelo.
- PAÇO, A. (1931) – Gírias militares portuguesas. *Revista Lusitana*. Lisboa. 29, p. 159-169.
- PAÇO, A. (1935) – A vida militar no rifoneiro português. *A Língua Portuguesa*. Lisboa. 4, p. 190-198.
- PAÇO, Afonso do (1955) – 4.^o Grupo de Metralhadoras Pesadas do C.E.P.: 5.^o Grupo de Metralhadoras. Lisboa: Tipografia da L.C.G.G.
- PAÇO, A. (s/d) – *A vida militar no cancioneiro popular português*. Museu de Etnografia e História. Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa.
- Processo Individual de Manuel Afonso do Paço*. Arquivo Histórico Militar. Lisboa, cx. 3180.